

A educação segundo Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.
Co-Autora: Maria da Paz.
Bacharel-Licenciado em Filosofia pela
Universidade Federal de Mato Grosso e
Bacharel em Teologia pelo Studium
Eclesiástico D. Aquino Correia.

1. Identificação

Tomás de Aquino nasceu no castelo de Rocassecca, entre Roma e Nápoles, no ano de 1224/5. Educado na abadia de Monte Cassino, aos 15 anos entrou para a Universidade de Nápoles, onde estudou Artes Liberais e tomou contato com a Lógica e a Filosofia Natural de Aristóteles. Com 19 anos, Tomás ingressa na Ordem dos Dominicanos. Logo após é enviado para Paris onde se torna aluno de Alberto Magno. Estudou na Universidade de Paris, da qual veio a se tornar um dos seus mais ilustres professores.

Tomás é unanimemente reconhecido como o maior dos filósofos medievais. Para muitos é também o melhor intérprete de Aristóteles na Idade Média. Dentro da Igreja é considerado, ao lado de Agostinho, o mais importante teólogo de todos os tempos.

2. *Flasch da sua produção em educação*

Agora bem, para Tomás de Aquino, existem duas formas de se adquirir conhecimento: “(...) de um modo, quando a razão por si mesma atinge o conhecimento que não possuía, o que se chama descoberta; e, de outro, quando recebe ajuda de fora, e este modo se chama ensino”¹. Portanto, o conhecimento por descoberta se dá quando a *razão, por si* mesma, aplica os princípios universais e evidentes a determinadas matérias, para daí tirar *conclusões particulares*. Já a aquisição do conhecimento pelo *ensino* acontece quando este processo natural e dedutivo da razão passa de princípios universais para conclusões particulares, mediante a ajuda de um intermediário: o professor. Este (o professor), através de sinais e outros instrumentos de ajuda, provoca o aluno e o faz chegar a conhecer o que antes desconhecia. Neste sentido, Tomás admite que o professor seja a causa do conhecimento do aluno. E isto, embora o conhecimento enquanto tal ocorra através do exercício da razão do próprio aluno. Destarte, o Aquinate coloca o aprendizado como uma faceta humana, pois, para ele, é o próprio homem quem conhece e ensina. De fato, além de reconhecer que a luz natural da razão foi colocada no homem por Deus, assevera também que tal luz nos fora concedida no ato da criação. Desta feita, trata-se de uma luz *conatural* ao homem. Portanto, não precisamos de uma nova iluminação divina para conhecermos as verdades naturais.

Ora bem, todo o processo de ensino:

(...) pressupõe um perfeito ato de conhecimento no professor; daí que seja necessário que o mestre ou quem ensina possua de modo explícito e perfeito o conhecimento cuja aquisição quer causar no aluno pelo ensino (...).²

Desta sorte, somente aquele que tem o conhecimento em ato – o mestre ou o professor – está em condições de desenvolver o potencial de seus alunos. De fato, para Tomás, é imprescindível que o professor se prepare e tenha o domínio do seu conteúdo, a fim de que possa,

¹ TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (de magistro) e os sete pecados capitais**. Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1, C. p. 32.

² *Idem. Op. Cit.* 2, C. p. 41-42.

com eficácia, ensinar os seus alunos e levá-los ao ato de aprender, “já o professor ensina precisamente porque tem o conhecimento em ato”³.

Sem embargo, no ato de ensinar, Tomás encontra duas matérias básicas: o *conteúdo* de que trata o ensino e a *pessoa* a quem o ensino é ministrado. Pois bem, disto ele deduz que, quanto à primeira matéria, isto é, ao conteúdo do ensino, o seu princípio emana da *vida contemplativa*. Com efeito, é a admiração do sujeito, quando em contato com determinado aspecto da realidade e o processo de abstração do seu intelecto que sucede a tal admiração, que caracterizam a compreensão do conteúdo. E isto, tanto do ponto de vista do professor, que assimila o conteúdo da sua disciplina para depois ensinar o que ele próprio aprendeu, quanto do ponto de vista do aluno, que apreende o que o professor ensina. Já quanto à segunda matéria, ou seja, o fato de que o ensino se dirige a outrem, deduz-se que a sua finalidade é a *vida ativa*, pois ele implica na aplicação de gestos sensíveis e toda uma pedagogia do ensino. Por conseguinte, o *ensino* como *ato de ensinar* é *ato da vida ativa*; todavia, tal ato da vida ativa dimana de um *transbordamento da contemplação, ato supremo da vida contemplativa*. Para melhor fundamentar a nossa fala, iremos reproduzir um importante fragmento do quarto artigo do “De Magistro (Sobre o Ensino)” de Tomás:

Ora, no ato de ensinar encontramos uma dupla matéria, o que se verifica até gramaticalmente pelo fato de que ‘ensinar’ rege um duplo acusativo: ensina-se - uma matéria - a própria realidade de que trata o ensino e ensina-se - segunda matéria - alguém, a quem o conhecimento é transmitido. Em função da primeira matéria, o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa; em função da segunda, da ativa. Porém, quanto ao fim, o ensino é exclusivamente da vida ativa, pois sua última matéria, na qual se atinge o fim proposto, é matéria da vida ativa. Daí que pertença à vida ativa mais do que à contemplativa, se bem que de algum modo pertença também à vida contemplativa, como dissemos.⁴

³ *Idem. Op. Cit.* 2, ad 6. p. 43.

⁴ *Idem. Op. Cit.* 4, C. p. 61.

3. Importância da educação tomasiana

A importância de Tomás de Aquino para a educação está, sobretudo, no âmbito de sua *antropologia filosófica*. Ocorre em Tomás uma efetiva superação do *dualismo platônico* (corpo e alma), que era a doutrina dominante na época. Segundo alguns adeptos deste tipo de dualismo a inteligência humana só seria possível, se em cada caso ocorresse uma iluminação imediata de Deus. Já a revolucionária antropologia tomásica, embora não negue a iluminação divina, destaca que tal iluminação procede da própria natureza do ser criado. Por conseguinte, é o homem que, dotado desta luz natural da razão, conhece e ensina.

Além disso, para os platônicos, o corpo, a menos que seja radicalmente dominado pela alma, é uma prisão, um empecilho para que a ela chegue ao conhecimento da verdade. Já para Aristóteles e Tomás, no assim chamado *realismo moderado*, o corpo e os sentidos são os caminhos necessários para que haja qualquer tipo de conhecimento natural, visto que é através dos sentidos que o homem pode chegar ao inteligível. Aliás, para o Aquinate, é através de sinais sensíveis que o professor começa a levar o aluno a fazer a sua própria inteligência.

Anexo:

A educação: arte que coopera com a natureza

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

O educador assemelha-se ao médico. Com efeito, o fim da medicina é a saúde do doente. O médico tenta fazer com que o organismo doente, por meio de medicamentos e tratamentos, retorne ao seu funcionamento natural. Ele tem por fim fazer com que o próprio organismo, restabelecido ao seu funcionamento normal, restitua a saúde ao doente. O médico é, pois, um colaborador da natureza, a medicina é *ars cooperativa naturae*. De fato, embora o médico seja também, de certa forma, causa eficiente da saúde, ele o é somente enquanto consegue desencadear uma série causal que a nada mais visa que devolver ao organismo o seu funcionamento natural, enquanto ele próprio é princípio interior de saúde.⁵

Agora bem, também o educador deve partir do pressuposto de que, “Contrariamente a tudo o que acreditava Platão, o conhecimento não existe de uma vez por todas nas almas humanas”⁶. O que temos em nós, como no caso da saúde, é uma potência inesgotável para o conhecimento, uma capacidade de conhecer, uma sede natural para o saber: “Mas o princípio vital e ativo do conhecimento existe em cada um de nós”⁷. Ora bem, esta inclinação – tendência natural para o conhecimento – não é automaticamente, como nos animais, posta em *movimento*. Não se trata de um instinto: “A liberdade da criança não é a espontaneidade da natureza animal,

⁵ MARITAIN, Jacques. **A Educação na Encruzilhada**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2006. p. 395: “A arte da educação deveria ser (...) comparada à da medicina. A medicina trata de um ser vivo, com um organismo que possui vitalidade íntima e um princípio interior de saúde. O médico exerce uma causalidade real na cura de seu doente, é verdade, mas de certa maneira particular, ou seja, imitando os caminhos da própria natureza em sua maneira de operar, e ajudando a natureza, prescrevendo uma dieta e remédios apropriados de que a própria natureza se servirá, conforme seu próprio dinamismo em ação para o equilíbrio biológico. *Em outras palavras, a medicina é ars cooperativa naturae, uma arte ministerial, uma arte a serviço da natureza. E assim é a educação.*” (O itálico é nosso).

⁶ *Idem. Ibidem.*

⁷ *Idem. Ibidem.*

que desde a origem move-se diretamente ao longo do trilho fixado pelo instinto”⁸. Ao contrário, este princípio, que nada mais é do que a razão mesma, permanece indeterminado, latente, até que seja provocado, suggestionado, fomentado por outrem:

A liberdade da criança é a espontaneidade de uma natureza humana e racional, e essa espontaneidade, amplamente *indeterminada*, tem seu princípio íntimo de determinação final apenas na razão, que ainda não se desenvolveu na criança.⁹

Por conseguinte, caso esta aptidão não seja desenvolvida, caso a criança não encontre um meio onde o exercício do pensamento possa ser-lhe gradualmente apresentado, este maravilhoso dom pode atrofiar-se: “A liberdade plástica e suggestionável da criança é danificada e dispersa ao acaso se não for ajudada e guiada”¹⁰.

Agora bem, como educar a criança para o conhecimento? Primeiro, nada de *utopias*! Todo ser humano, para crescer e se desenvolver, precisa enfrentar desafios, transpor obstáculos. Antes disso, porém, tem-se que conscientizar a pessoa do seu potencial, ao mesmo tempo: inculcando-lhe a necessidade de desenvolvê-lo (o potencial) e levando-o a ter gosto em fazê-lo. Por isso mesmo, se, por um lado, a criança deve estar a par das suas capacidades, por outro, precisará saber também que não conhece, isto é, que ainda ignora certas coisas que, doravante, precisará conhecer para bem viver. Pois bem: este complexo movimento, em todas as suas partes, é o que chamamos de *educação* e ele não ocorre sem a interferência do *educador*.

Portanto, a educação é um processo laborioso, não cai do céu e nem se desenvolve por meio de instintos cegos. Desta feita, também não permite qualquer passividade por parte do educador. O educador, desta sorte, tem a missão de levar a ato a potência racional do infante. E o novel, nesta dialética, é ele próprio um ator, enquanto está *habitando-se* a usar a sua *racionalidade*, sob o auxílio e direção do professor. Diz Maritain:

Uma educação que desse à criança a responsabilidade de adquirir noções a respeito daquilo que ela não sabe que ignora, uma educação que se contenta de olhar o desenvolvimento dos instintos da criança, e que faça do mestre um complacente e supérfluo assistente, seria tão-somente a

⁸ *Idem. Ibidem.* p. 396.

⁹ *Idem. Ibidem*

¹⁰ *Idem. Ibidem*

bancarrotas da educação e da responsabilidade dos adultos em relação à juventude.¹¹

¹¹ *Idem. Ibidem*

BIBLIOGRAFIA

MARITAIN, Jacques. **A Educação na Encruzilhada**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (de magistro) e os sete pecados capitais**. Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.